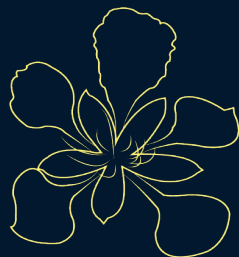


**RESSONAR:  
silêncio e memória**



**LUDMILA LIMA DE MORAIS**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES VISUAIS

LUDMILA LIMA DE MORAIS

RESSONAR:  
silêncio e memória

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Instituto de Artes Visuais da UnB, Para obtenção do título de bacharel em Artes Visuais, sob orientação do Prof. Dr. Atila Ribeiro Regiani.

Brasília  
2020

LUDMILA LIMA DE MORAIS

**RESSONAR:** silêncio e memória

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Instituto de Artes Visuais da UnB, Para obtenção do título de bacharel em Artes Visuais, sob orientação do Prof. Dr. Atila Ribeiro Regiani.

**APROVADA EM :** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Atila Ribeiro Regiani  
Orientador - UnB

---

Profa. Dra. Iracema Barbosa  
Examinador interno- UnB

---

Prof. Me. Gregório Soares Rodrigues de Oliveira  
Examinador interno- UnB

## Resumo

O ponto em comum entre uma casa e uma concha despertou muitos pensamentos. E “Ressonar: silêncio e memória” é um deles, e surgiu da necessidade de externalizar e validar através da arte um pensamento infantil que à muito estava esquecido. Assim, gerando uma pesquisa íntima sobre o som, coleção, nostalgia, flâneur e silêncio através da perspectiva imaginária de Ludmila Lima e de seus pensamentos do cotidiano. O texto tem uma linguagem poética, e traz como referência outros artistas e textos que já abordaram os temas citados, sendo interligados pelas observações e imaginário da autora.



## Sumário

Reflexo  
O Flâneur  
O Silêncio

Acumuladora de Memórias  
Caça  
Armadilha

Que tal um chá?  
Aguarde um momento sua ligação está sendo completada...

Referências bibliográficas

*Dedico este trabalho a minha  
família*

*e a todos que ainda sonham  
acordado.*

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer meus pais por sempre estimularem minha imaginação e terem se esforçado tanto para me dar uma educação de qualidade, sempre me apoiaram e por isso sou eternamente grata. Incluo aqui meu irmão que sempre esteve ao meu lado e é meu melhor amigo. Sem eles eu não chegaria até aqui. Muito obrigada por tudo, vocês são tudo para mim

Preciso dedicar uma parte especial para Felipe Fontinele Nunes. Obrigada por me apoiar durante todo esse tempo, como amigo, namorado e ainda espectador dos meus trabalhos. Sempre disposto a me dar novos pontos de vistas e a me estimular independente do meu próprio medo. Você é a pessoa mais incrível que eu conheço, você me inspira todo dia.

Obrigada, meus amigos do ensino médio que continuaram na minha graduação tornando a vida universitária mais leve e divertida: Leticia Hammes, Heitor Gonçalves, Tamila Raposo, Gabriel Almeida e Isabela Guerra. Em especial Vitoria Balestrini, a pessoa que sempre estava comigo no final de semestre quando tinha minhas crises existenciais, que mesmo sem entender meus trabalhos artísticos me apoiava e me enchia de amor. Minha companheira de sair para comer e conversar a tarde inteira. Eu te amo muito. Também sou grata pelos meus amigos que conheci pelo PET de física: Vitor Dantas, Tabata Luiza, Pedro Cintra, João Valeriano, Igor Reis, Paulo Moises, Lorena Reis, João Augusto, Ranier Menote e Mariana Cassement. Vocês são incríveis, obrigada por me mostrar uma área que não conhecia e sempre se empolgarem com as ideias artísticas que eu trazia.

Não posso esquecer de Cecilia Lima e Brida Ribeiro. Obrigada pelas tardes juntas, pelos cappuccinos na chuva e pelo apoio durante as matérias. Vocês me inspiram muito.

Quero agradecer aos meus professores e a Universidade de Brasília que durante essa graduação me provocaram e me fizeram crescer como pessoa e artista. Sou grata pelo meu orientador Atila Ribeiro que mesmo sem me conhecer aceitou me orientar e sempre foi muito paciente comigo.

*“Tudo que eu quiser imaginar eu sou capaz  
Eu sou capaz de imaginar que eu sou capaz  
Quisera a lua brilhar de dia  
E o sol encher a noite de alegria*

*A imaginação fica dentro da cabeça  
Com ela, a gente faz o que bem quer  
Com ela, eu olho pra dentro de mim  
Vejo coisas lindas, vejo o que eu quiser*

*Tudo, a gente pode  
De tudo a gente é capaz  
Basta que a gente acredite  
Em tudo que a gente faz*

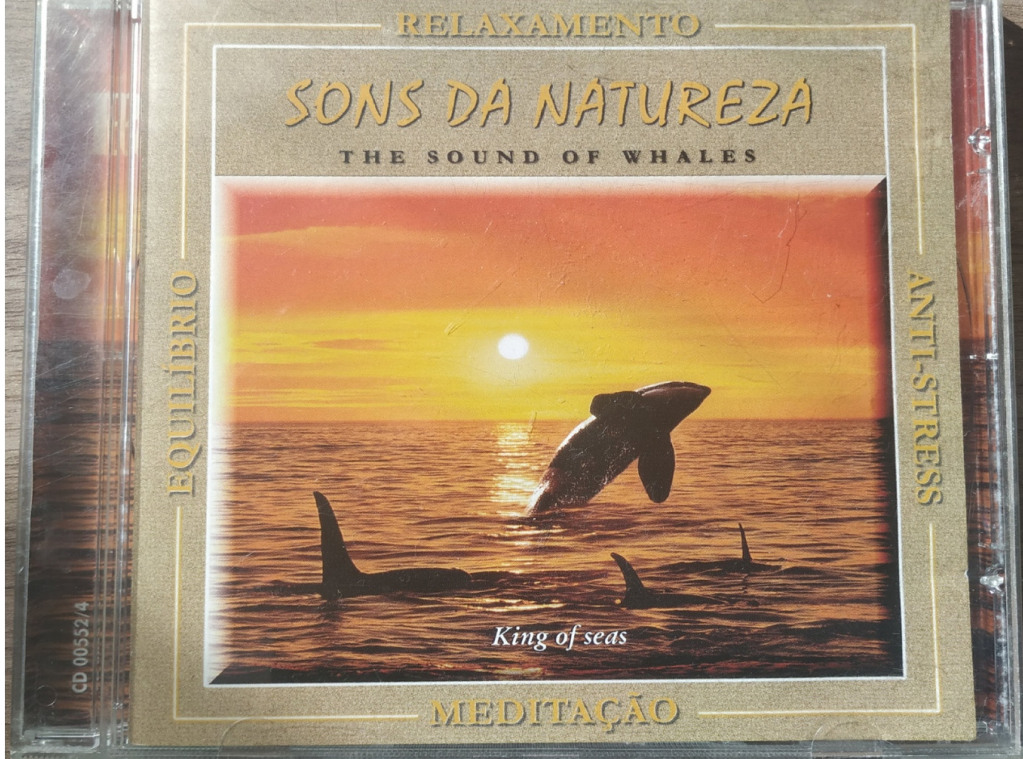
*Mas tudo na vida  
Começa lá dentro da cabeça da gente  
Num lugar lá dentro, no meio dela  
Onde vive a imaginação”  
Imaginação- Trio soneca*

É 2020, uma pandemia mundial está acontecendo neste exato momento, e o fruto da quarentena e de 24 anos de minha vida estarão nos capítulos a seguir. Após ficar meses dentro de casa a nostalgia começa a povoar minha mente e *ressonar* pelo meu cotidiano.

## Reflexo

Quando bem pequena meus pais tinham o hábito de colocar os sons da natureza para mim e meu irmão dormirmos, meu favorito eram os do mar, escutar as baleias e golfinhos com o barulho abafado da água me traziam calma. Desde então associo o vazio da casa ao dormir com o mar em sua imensidão e seus sons tão diferentes. Uma vez minha prima um pouco mais velha, me visitou e acabou passando a noite comigo, na hora de dormir algo engraçado aconteceu, o CD com o som do mar estava tocando já havia alguns minutos, incomodada ela olha para mim e diz "ué ninguém vai cantar não? Cadê a voz? Esse moço está demorando. Essa música vai ficar só nisso?" naquela época eu ri sem entender a ansiedade da minha prima pois, para mim os sons sempre foram tão interessantes quanto a música cantada na rádio. Em acréscimo desde muito nova fiz parte de corais e projetos musicais, a curiosidade pelos sons independente da origem é algo que me acompanhou até a fase adulta. Hoje vejo como isso reflete bastante no meu trabalho como artista e em como percebo o cotidiano.

Ludmila Lima. CD.  
2020.



Ludmila Lima. CD.  
2020.



Ao acordar ativamente sinto meu corpo se tornar presente. Michel Foucault (2010) relata em O Corpo Utópico que "corpo é também tomado por uma certa invisibilidade da qual jamais posso separá-lo" e ao despertar me torno mais consciente desta visibilidade e invisibilidade, ele também discorre no mesmo texto que:

" O corpo, fantasma que não aparece senão na miragem de um espelho e, mesmo assim, de maneira fragmentada. Necessito realmente dos gênios e das fadas, e da morte e da alma, para ser ao mesmo tempo indissociavelmente visível e invisível? E, além disso, esse corpo é ligeiro, transparente, imponderável; não é uma coisa: anda, mexe, vive, deseja, se deixa atravessar sem resistências por todas as minhas intenções. Sim. Mas até o dia em que fico doente, sinto dor de estômago e febre. Até o dia em que estala no fundo da minha boca a dor de dentes. Então, então deixo de ser ligeiro, imponderável, etc.: me torno coisa, arquitetura fantástica e arruinada."(FOUCAULT,2010)



Foucault fala sobre esse processo de se tornar coisa, sinto que ao dormir estou sendo parte arquitetônica do meu quarto, poucas vezes o percebo e sinto durante o sono. Por outro lado, ao acordar paro um tempo e sinto meus sentidos despertar, um silêncio ruidoso preenche o quarto. Pássaros cantando, carros passando e buzinando, carrinhos de compras, crianças brincando no parquinho, televisão ligada e máquina de costura. Aos poucos vou preenchendo o cômodo que estava vazio de minha presença e cheio da paisagem a minha volta. Volto da ausência, do meu silêncio, eu ocupo esse espaço ativamente, ligo o celular, cumprimento os meus pais e bocejo. Efetuo esse processo para recobrar minha consciência do mundo real e me desgrudar do mundo dos sonhos, para despertar meu corpo-coisa para ser um corpo-ativo.



Recentemente, percebi que os meus melhores insights chegam antes de dormir quando estou deitada na cama e pensando no que fiz no dia, no que farei no dia seguinte e começo a ter vários devaneios sonolentos. Muitos desses devaneios me levam para quando eu era criança e como eu pensava o mundo. Em uma dessas viagens lembrei que quando criança eu brincava com uma concha enorme, na minha brincadeira a concha era um telefone deixado fora do gancho, então eu colocava meu ouvido e escutava o mar e para mim fazia sentido que do outro lado minha mensagem estava sendo transmitida. Eu falava com os peixes, o mar e qualquer outra criatura que estivesse de passagem. Lembro que eu pensava que se eu escutava o mar, o mar também escutava o meu lar. Nota-se que eu nunca tinha ido ao mar, só conhecia por fotos e pelos sons. Lembro disso com muito carinho e humor, hoje vejo a mesma concha e ponho meu ouvido, escuto o mar me responder, e me vem outras questões que eu não tinha pensado quando mais nova. Questões como para onde foi o molusco que morava ali dentro? Será que ele encontrou um novo lar? Será que foi removido a força? Tudo que me responde é essa morada vazia, sua ausência.





Ludmila Lima.  
Rio. 2019.

## O Flâneur

Devido ao contexto atual pandêmico acredito que tenho enxergado o lar com um olhar diferente, como abrigo, proteção, um limitante. A quarentena me obrigou a quebrar minhas antigas rotinas e me fixar em um lugar que, devido a faculdade, praticamente só servia para descanso e preparo para o dia seguinte. A flâneria que antes eu fazia no meu percurso diário pela cidade começou a ser no meu quarto. Ao observar o quarto a leitura de Walter Benjamin em Obras Escolhidas Volume III se faz muito pertinente:

“E assim o flâneur passeia em seu quarto: “Quando Johannes, às vezes, pedia licença para sair, o mais das vezes lhe era negada; todavia, seu pai às vezes, como compensação, lhe propunha passear pelo assoalho, segurando-o pela mão. À primeira vista, era uma compensação mesquinha e, contudo, ... ali se ocultava algo totalmente distinto. A proposta era aceita e ficava a critério de Johannes definir aonde iriam. Saíam então pelo portão rumo a um palacete vizinho, ou então rumo à praia, ou ainda iam e vinham pelas ruas, exatamente como desejava Johannes; pois o pai era capaz de tudo. Enquanto iam e vinham no assoalho, o pai relatava tudo o que viam; cumprimentavam os transeuntes; veículos ruidosos passavam junto a eles, sobrepondo-se à voz do pai; as frutas carameladas da doceira ficavam mais convidativas do que nunca...” Segundo Eduardo Geismar, um texto juvenil de Kierkegaard, em Søren Kierkegaard, Göttingen, 1929, pp. 12-3. Esta é a chave para o esquema do voyage autour de ma chambre (viagem ao redor do meu quarto) “ (BENJAMIN, 1994)





Ludmila Lima. Vista. 2020.

Por muitas vezes me percebo, assim com Johannes, ouvindo minha casa e seus vazios, os barulhos típicos de um apartamento no terceiro andar e seu ambiente ao redor, as pessoas na rua, o sol se pondo de trás dos prédios dando lugar para a constelação emparedada de janelas que aos poucos vão mudando de lugar. Durante a leitura do texto de Benjamin percebo que a figura do flâneur é sempre uma figura masculina, que goza do direito de sentir a cidade e vagar por ela sem preocupações, dado o contexto da época as mulheres dificilmente poderiam ocupar esse lugar como os homens. E como mulher que também vagueia achei conforto no texto de Thiane Nunes em *Em busca da Flâneuse: Mulheres que perambulam a cidade principalmente quando ela diz que:*

“Avaliando o período da modernidade e o conceito de flâneur, procuro promover um espaço crítico para a discussão sobre uma mulher que também vagueia, divaga e perambula, compreendendo suas particularidades de gênero e suas estratégias de subversão. Considerar as experiências das mulheres artistas nessa perspectiva nos leva a compreender as tensões e nuances de ideologias históricas, que continuam a afetar a produção cultural” (NUNES,2018)



Ludmila Lima. Fechada. 2020.



Ludmila Lima. Aberta. 2020.

Como Thiane diz em seu texto o tempo de Benjamin pode ter passado, mas muita coisa ainda está presente, o medo é uma delas. Antes da quarentena eu andava pela cidade prestando atenção a minha volta tanto por segurança por ser uma mulher andando só e pôr está colecionando sons, registrando os acontecimentos a minha volta. Por muitas vezes eu não tiro fotos sozinha durante meu percurso por medo de ser mal interpretada. Toda saída de casa gerava uma ansiedade por querer registrar os sons, mas por ter que estar em alerta com meu redor por medo de estar em perigo. Estar em estado de alerta constante é algo naturalizado para nós, mulheres, desde muito pequenas e afeta constantemente nosso dia a dia, inclusive nossa maneira de trabalhar.





## O Silêncio

Assim que o Lockdown começou, estar em casa com minha família me trouxe uma nostalgia da infância, memórias e raciocínios de quando eu era mais nova inundaram a minha mente. A brincadeira de usar a concha de telefone é uma delas. Novos afetos em relação a concha e a casa foram surgindo, sinto que minha casa é a minha concha, um dia eu vou deixa-la, mas espero não perder essa comunicação mesmo que seja silenciosa. Afinal, o silencio não significa necessariamente o vazio, o nada. Em Silence de Jonh Cage diz que:

” sempre há algo para ver, algo para ouvir. Na verdade, por mais que tentamos fazer silêncio, nós não podemos. Para certos fins de engenharia, é desejável ter uma situação o mais silenciosa possível. Essa sala é chamada de câmara anecóica, suas seis paredes revestidas de material especial, uma sala sem ecos. Entrei em uma na Universidade de Harvard há vários anos e ouvi dois sons, um alto e um baixo. Quando eu os descrevi para o engenheiro no comando, ele me informou que o alto era meu sistema nervoso em operação, o baixo meu sangue em circulação. Até eu morrer haverá som. ” (CAGE, 1961-1973)

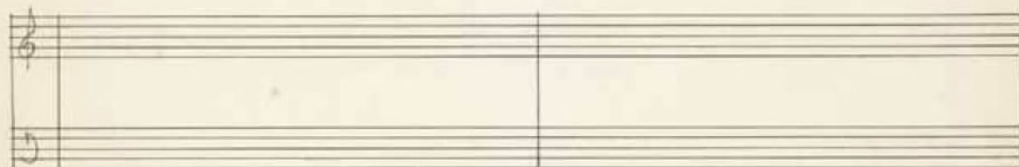
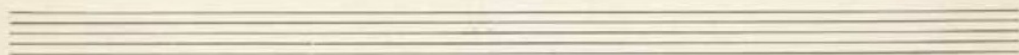


Cage coloca o silêncio não como a ausência de sons, mas sim como aquilo que não é normalmente ouvido o som que acontece de forma independente do músico. Um exemplo é a performance "4'33", onde o artista registra o som da plateia que o espera tocar um piano, traz à tona a questão do que é ruído o que é música e o ouvir atento. Ele também faz uso de objetos do cotidiano orquestrando seus ruídos ao seu gosto, em "Silence" dirá que:

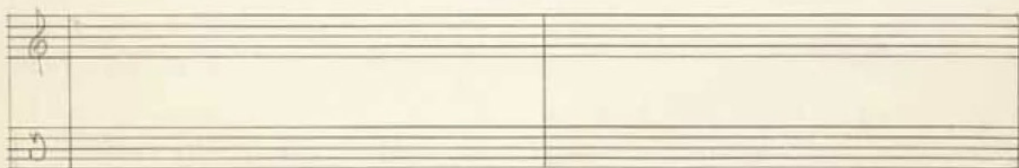
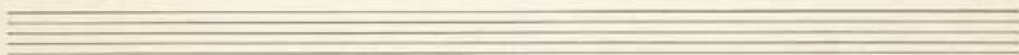
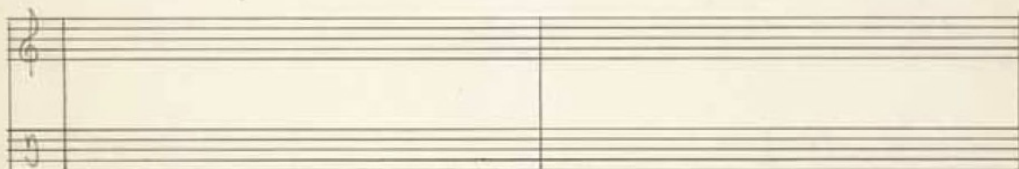
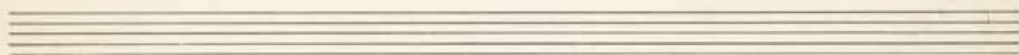
"Onde quer que estejamos, o que ouvimos é principalmente barulho. Quando o ignoramos, ele nos perturba. Quando o ouvimos, achamos fascinante. O som de um caminhão a cinquenta milhas por hora. Estático entre as estações. Chuva. Queremos capturar e controlar esses sons, para usá-los não como efeitos sonoros, mas como instrumentos musicais" (CAGE, 1961-1973)



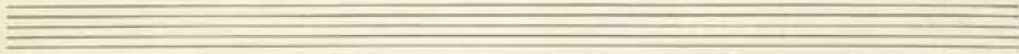
I

 $60 \downarrow = 2\frac{1}{2} \text{ cm.}$  $\longleftrightarrow$  $\frac{4}{4}$ 

.16



.32

 $\rightarrow$  .33

John Cage.  
4'33", for solo  
piano;  
reconstruction by  
David Tudor,  
page 1, ca 1989.

1

Como Cage, desde muito nova me ensinaram a valorizar os ruídos da natureza assim como a música. E há tantos sons sendo emitidos por diversas fontes por que só valorizar e se ater apenas aqueles instrumentos ortodoxos? Desta forma, desde de 2018 coleciono sons de todos os tipos, comecei a coleta para um trabalho para a matéria de Fotografia 2, ao qual nos questionavam sempre a noção de tempo e a linguagem fotográfica. Esse acervo estava sendo usado para outro trabalho, chamado Ecos, que explorava a hibridação de foto e som e o deslocamento de suas circunstâncias de registro. Acredito que Ecos foi um processo que contribuiu muito pro raciocínio e maturação do meu pensar artístico pois, a busca atenta por sons me desenvolveu um ouvido e olhar mais clínico e um apressado maior pelo efêmero.

Quando penso em som e apressado ao efêmero me vem a mente o trabalho de Christian Boltanski em "*Work in progress*" *Les Archives du Coeur* (Os Arquivos do Coração) 2005. Se iniciou em 2005 e desde então vem coletando batimentos cardíacos da audiência em diversas instituições de arte pelo mundo. O trabalho é tão sensível e existencial, com esses áudios ele cria um arquivo permanente que fica na ilha remota de Teshima, Japão. Como um tesouro escondido numa ilha do outro lado do planeta Boltanski guarda o som universal da humanidade, aquilo que nos mantém vivo, em vez de moedas de ouro, ele guarda corações de desconhecidos.

## Acumuladora de Memórias

“Ao arquivo é possível associar dois princípios regentes básicos: a mnéme ou Anamesis (a própria memória, a memória viva ou espontânea) e a hypomnema (a ação de recordar). São princípios que se referem à fascinação por armazenar memória (coisas guardadas como recordação) e de guardar história (coisas guardadas como informação) como contraofensiva à pulsão de morte, uma pulsão de agressão e de destruição que impele ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória”. (GUASCH,2013).

No meu quarto tenho um baú, um baú que achei no meio da rua. Ele é de madeira e parece que era feito para guarda vinhos, quando o encontrei estava na minha pré-adolescência e para mim parecia um baú do tesouro. Por dentro dele coleí o mapa e guardei lembranças que desde muito nova venho acumulando. Todos meus cadernos de artistas estão nele, notas fiscais, cartas, carteirinhas, pedras, coloquei um mundo inteiro dentro do meu baú. Guardo ali dentro o que tenho medo de esquecer de ser apagado...

Ludmila Lima. Baú. 2020.



Ludmila Lima. Baú. 2020.



“Para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém. O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento (o estremecimento de ser adquirida)” (BENJAMIN,2009)

Em minha gaveta guardo um pote cheio de moedas de vários lugares do mundo, alguns deles eu não conheço, mas tenho um pedaço dessa realidade guardado comigo. São moedas que vieram a mim como presente ou pelo acaso do encontro. Essa coleção começou quando meu avô paterno ao morrer, deixou para trás algumas moedas antigas e eu resolvi pega-las para mim. Sempre sinto que não estou colecionando o objeto em si, mas as memórias íntimas embutida nele.



“Possuir e ter estão relacionados ao caráter tátil e se ope em certa medida a percepção visual. Colecionadores são pessoas com instinto tátil. A propósito, com o abandono do naturalismo terminou recentemente a primazia do optico que dominou o século anterior. Flaneur. Flaneur ótico, colecionador tátil” (BENJAMIN,2009)

Como dito antes em 2018 expandi meu habito de colecionar, criei um acervo de áudios no meu computador. O primeiro áudio foi capturado em uma data comemorativa como forma de registro afetivo, e acredito que todos os sons do acervo de alguma forma demonstram uma paisagem intima que apenas existe no meu imaginário, por mais que eu estivesse tentando capturar todo quanto é tipo de som, eu registrava só os que me cativavam de alguma forma. Cada arquivo se torna um pedaço dessa paisagem que foi capturado e guardado comigo.

- ☑️ Agua no copo
- ☑️ agua parque ibirap...
- ☑️ Aguas claras em noi...
- ☑️ Andando de chinela
- ☑️ Andando pro quarto
- ☑️ Andando
- ☑️ Ano novo
- ☑️ Aparando
- ☑️ Assoando nariz
- ☑️ Assovio com pássar...
- ☑️ Atelie 2 eu apresent...
- ☑️ avião 5
- ☑️ Avião 1
- ☑️ Avião 2
- ☑️ Avião 3
- ☑️ avião 4
- ☑️ Avião anuncio
- ☑️ avião decolando
- ☑️ Banho frio
- ☑️ Banho quente
- ☑️ Barriga roncando ( ...
- ☑️ Barriga roncando ( ...
- ☑️ Batida na porta
- ☑️ batidas, coisas cain...
- ☑️ Bebendo água 1
- ☑️ Bebendo água
- ☑️ Bola caindo no colc...
- ☑️ Bolhas no copo efer...
- ☑️ Buzinas 28.10. 2018
- ☑️ Cachorro latindo no...
- ☑️ Calopsitas piando
- ☑️ Carrinho de mercado
- ☑️ Carro musica vento
- ☑️ Chá
- ☑️ Chiva1
- ☑️ Chuva águas claras
- ☑️ chuva carro 2
- ☑️ Chuva carro
- ☑️ chuva e lanche icc sul
- ☑️ chuva guarda chuva
- ☑️ chuva guardachuva 2
- ☑️ Chuva na telha de ...
- ☑️ Chuva unb
- ☑️ Chuva unb2
- ☑️ Chuva3
- ☑️ Cigarras1
- ☑️ Cigarras2
- ☑️ Co
- ☑️ Comendo biscoito
- ☑️ Construção no anda...
- ☑️ construção
- ☑️ conversas
- ☑️ Coral 1
- ☑️ Coral 2
- ☑️ Coral
- ☑️ Coral1
- ☑️ Coral2
- ☑️ Cortador de unha
- ☑️ Criança brincando n...
- ☑️ crianças brincando ...
- ☑️ Crianças brincando
- ☑️ Decolagem1
- ☑️ Descarga
- ☑️ Dia chuvoso em ac
- ☑️ Digitando no teclad...
- ☑️ Elevador velho
- ☑️ Elevador
- ☑️ Emergency\_201811...
- ☑️ Encanamentos
- ☑️ Enchendo o filtro
- ☑️ Escovando os dente
- ☑️ Esfregar
- ☑️ Estação do metrô ...
- ☑️ Estralando o pulso
- ☑️ Exaustor banheiro
- ☐ Felipe soluçando
- ☑️ Felipe tomando ba...
- ☑️ Fogao ligando
- ☑️ Fogos de artificio
- ☑️ Fonte
- ☑️ Foto 2 1
- ☑️ Foto eu tilipi
- ☑️ Furadeira
- ☑️ Gargarejo
- ☑️ Gotas na janela, chu...
- ☑️ Helicóptero
- ☑️ Hino a ignorancia(1...
- ☑️ Ignorancia
- ☑️ jogando lixo fora
- ☑️ Kendo
- ☑️ Kendo3
- ☑️ Mandy latindo
- ☑️ Mandy porta
- ☑️ Máquina de lavar
- ☑️ Marina de Costura
- ☑️ mas correntes1
- ☑️ masp correntes
- ☑️ Mastigando biscoito
- ☑️ Mastigando de boc...
- ☑️ Melodia da ignoran...
- ☑️ Metrô chegando e...
- ☑️ Metrô falando
- ☑️ Metro túnel
- ☑️ Microondas
- ☑️ Microondas
- ☑️ Nariz chiando
- ☑️ Óleo fritando
- ☑️ ondas e pessoas
- ☑️ ondas na pedra
- ☑️ Pai andando a noite
- ☑️ Palmas aos profissi...
- ☑️ Panela de pressão
- ☑️ Panelaço Bolsonaro
- ☑️ Pássaro cantando
- ☑️ Passaro piando
- ☑️ pessoas falando bai...
- ☑️ Piano1
- ☑️ Pingos no ralo
- ☑️ Portaria prédio auto...
- ☑️ Pulando parkour
- ☑️ Ralo da pia
- ☑️ Relógio Áudio Extra...
- ☑️ Relógio Áudio Extra...
- ☑️ Relógio
- ☑️ Respirar
- ☑️ Risada
- ☑️ Ronco mandy
- ☑️ Roncos
- ☑️ Sinfonia a ignoranci...
- ☑️ sino e telefone
- ☑️ sinos tocando+ orel...
- ☑️ Sirene
- ☑️ Som da ignorancia ...
- ☑️ Som de casa com j...
- ☑️ Som do mouse
- ☑️ som labirinto 33bie...
- ☑️ som performance d...
- ☑️ Sons do quarto
- ☑️ Telefone tocando
- ☑️ Tentando gravar o v...
- ☑️ Tick tock
- ☑️ toia
- ☑️ Torneira satanica 1
- ☑️ Torneira satanica
- ☑️ Torneira

## Caça

Hoje tenho consciência que minhas coleções são íntimas, eu registro o que vivo, imagino e sonho. Em algum momento durante a graduação vi um trabalho que me comoveu e me marcou. Uma mulher sozinha no meio de um campo é vista, tão etérea, parece um sonho. Essa mulher era Brígida Baltar. Cada vez que observava o trabalho “*Umidades*” 2001-2002 mais aquilo mexia comigo, mais parte da paisagem eu me tornava. Quando menos percebi, Brígida, caçadora do efêmero, havia me colocado em uma de suas armadilhas para nevoa, me fazendo respirar suas neblinas e beber seus orvalhos até eu mesma me tornar uma caçadora também.



Brígida Baltar. 2002, "Coleta da Neblina". Fotografia, 63 × 94 cm. (Baltar, c.2010b).

“As relações de afetividade na intimidade doméstica constituem presenças marcantes na obra de Brígida Baltar. Impregnadas de poesia, suas criações surgem na efemeridade da vida como registros femininos do delicado e do silencioso, expansões pessoais que ganham significados ao personificarem imagens compartilhadas em um universo de sonhos. “  
(BAMONTE, 2013)

Foi depois de encontrar o Texto “Paisagens Íntimas na Obra de Brígida Baltar: ‘Projeto Umidades’ de Bamonte que fui começar a entender o que me emociona no trabalho de Brígida. O trecho acima é um dos que mais me chamou atenção, pois antes não tinha considerado a relação de afetividade na intimidade doméstica e nem o silêncio em seus trabalhos, criando seu próprio universo íntimo. Esses dois fatores eu recentemente percebi que também encontro nos meus trabalhos, do meu jeito, no meu universo. Através do flaneur, da escuta, dos registros de sons e apego ao efêmero. Penso que cada som e foto é o registro de um momento e evento que aconteceu, chego a ficar ansiosa em pensar que aquele é um momento único que talvez eu não tenho oportunidade de registrar e guardar do jeito que está acontecendo no exato instante, então os aprisiono para mantê-los em um acervo.



Brígida Baltar. 2001, "Coleta da Maresia". Fotografia, 63 × 94 cm. (Baltar, c.2010a.)

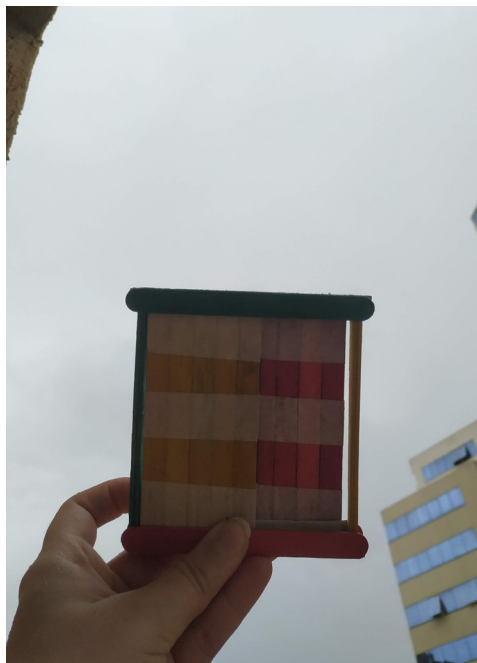


“O “conjunto de umidades” envolve o que é intrínseco à vida, como se, ao hidratar-nos e ao sentirmos a identificação com a natureza sendo hidratada, lembrássemos de que as nossas almas são as mesmas de nossa infância, com as mesmas sede e necessidades. Nessa identificação, a alma contemplativa nos lembra a liberdade e em um gesto poético somos convidados e inseridos naquela paisagem bucólica.”  
(BAMONTE, 2013)

Depois de ler mais sobre os trabalhos de Baltar me deparei com o trecho, que para mim soa como uma confissão de outra pessoa também aprisionada junta a nevoa. Bamonte consegue pôr em palavras o que eu só senti por muito tempo ao observar a obra. O que me comove é principalmente o trecho como a alma permanece a mesma des-de a nossa infância com os mesmos anseios, e nos meus trabalhos a minha infância sempre surge inundando todo o processo artístico. Acredito que no mundo dos sonhos criado por Brígida o eu criança a cumprimenta em meio a paisagem. Conversando comigo e me fazendo entender meus próprios processos artísticos.

## Armadilha

No dia xx de algum momento dessa quarentena, eu conversava com outros amigos artistas ao mostrar alguns dos meus trabalhos falaram que eu era uma Caçadora, por estar procurando o som tão ativamente. A partir daí comecei a fazer armadilhas para tudo, dependendo da obra pode ser as mãos, uma janela, meu gravador e etc. Por isso, atualmente vejo o meu processo como uma caçada onde tenho que montar arapucas e preparar terrenos. Principalmente quando o assunto é capturar o efêmero



Ludmila Lima. Armadilha para o vento uivante. Protótipo. 10,5cmx10,5x1,5. Palitos de madeira e fita adesiva. 2020



Ludmila Lima. Experimentação: tocando as nuvens.  
Série de fotografias. 2020.

A minha armadilha mais recente é o *Ressonar*, sendo inspirado na minha brincadeira de escutar a concha quando criança. E nos pensamentos da Concha e da casa como habitações. Resolvi explorar o som dos dois locais e deslocá-los de suas origens. Afinal, meu lar não estava necessariamente separado do mar. A casa silenciosa a noite me lembrava do CD com o som do mar quando criança, os sons sutis, as conversas dos bichos marinhos e a calma que aquilo me trazia. A nostalgia pode ser interrompida pelo som de um ambiente urbano, alguns bêbados, carrinhos de compras, latidos e carros passando. Esse é o meu habitat e silêncio que eu estou acostumada. O silêncio do mar é diferente pois o habitat é diferente. Como seria deitar a cabeça a noite e escutar, realmente escutar o silêncio do mar? E Como seria para o molusco que vivia lá dentro se escutasse o meu silêncio?

Para sanar minha curiosidade construí uma casinha e uma concha e troquei os seus sons de lugar. O resultado me gera um estranhamento onírico e uma imersão paisagística.



Ludmila Lima. Ressonar, Concha:  
13cmx15x8.86. Impressão 3D.  
Reprodutor sonoro.  
Som : Casa vazia.  
Duração: 5 minutos até o Looping.  
2020



Ludmila Lima. Ressonar,  
Casa:15cmx10.8x13.7. Impressão 3D.  
Reprodutor sonoro.  
Som : Mar.Som obtido de <https://www.zapsplat.com/>  
Duração: 1:41 minutos até o Looping.  
2020



Segundo o Dicionário Dicio:

"Significado de Ressonar

verbo transitivo direto e intransitivo

Produzir som; fazer soar; ressoar:

verbo intransitivo

Respirar fazendo barulho durante o sono; roncar: ressoa quando dorme.

Entrar num estado de sono.

verbo predicativo

Respirar normalmente durante o sono.

Etimologia (origem da palavra ressonar).

Do latim resonare, "repetir ruir"."



Ludmila Lima, Afeto lar, 2020

A escolha dessa palavra para o nome do trabalho ocorreu pelo seu significado. "O som emitido enquanto dorme" abrange o processo de pensamento do trabalho que ocorreu enquanto eu estava adormecendo e refletindo sobre a relação de mar e lar, som e silêncio e memória como explicado nas páginas anteriores.

"Produzir som" a Concha e a Casa ressoam entre si, seus sons originais são deslocados de seus lugares comuns. os dois objetos fazem sentido juntos. E há a necessidade íntima e afetiva de levar o objeto ao ouvido e interagir com ele.

Inicialmente a ideia do trabalho era só explorar o deslocamento sonoro dos ambientes, mas durante a escrita e planejamento, percebeu-se que algo mais íntimo e introspectivo se movia junto com esse som e objetos. Dessa forma, a nostalgia da infância inundou o processo e proporcionou uma perspectiva mais pessoal do que estava se esperando.



Ludmila Lima, Afeto concha, 2020.

## Que tal um chá?

Uma vez durante a graduação um professor me disse algo que me marcou bastante a respeito das referências ao trabalho. Ele disse que “todo mundo tem pai e tem mãe, aquilo que nos gerou, e nossos trabalhos também” Pensando nisso vejo os outros artistas que me influenciam como amigos e figuras paternas e maternas. Gosto de ter conversas mentais enquanto olho seus trabalhos e textos. Alguns eu já apresentei como Brigida Baltar e John Cage e em breve irei citar outros colegas e algumas anotações que surgiram das conversas.



Ludmila Lima. Chá. 2020

## Cildo Meireles

Meu primeiro contato com um trabalho de Cildo Meireles, aconteceu sem eu saber que era dele. Em 2012, tive a oportunidade de ir ao INHOTIM, estava no ensino médio, acredito que essa viagem ao museu foi uma das coisas a escolher o curso de artes visuais. Lá vi o trabalho *Atráves* de Meireles, lembro de ter medo de entrar na obra, medo dos cacos de vidro, mas lembro principalmente do som! O som das pessoas passando pelo labirinto, como todos estavam receosos e que uma hora o som dos cacos parecia o som de chuva e tudo ali parecia um labirinto aquático. Na época eu não li o que o artista quis dizer com a obra só a experienciei. Hoje lendo sobre a obra no site do museu que diz que “Com sua conformação labiríntica e experiência sensorial de descoberta, *Atráves* e seus obstáculos aludem às barreiras da vida e ao nosso desejo, nem sempre claro, de superá-las.”



Cildo Meireles, *Atráves*. 1983 -1989, materiais diversos, 600 x 1500 x 1500 cm. INHOTIM. Foto: Pedro Motta



Cildo tem trabalhos sonoros e imersivos muito interessantes, uma delas é *Babel* 2001, é uma instalação feita com rádios sintonizados em diferentes estações do mundo e organizados como uma torre. O intrigante dessa obra é que cada espectador segue uma narrativa pela torre e a junção das rádios geram uma bagunça, um caos ruidoso. *Babel* também tem um tom irônico e se inspira no mito bíblico da torre de babel. A cronologia dos rádios, que vão dos mais antigos para os mais novos traz uma temporalidade. Também sinto uma provocação política, sobre a mídia e como somos bombardeados por tanta informação que no final resulta numa desordem mental.

Sua forma de representar o som e seus idiomas pelo dispositivo de radio, me faz refletir quão amplo o tema sonoro é, e como a cultura e a tecnologia influenciam nosso raciocínio sobre o assunto. pois no conto bíblico de Babel vinha de uma cultura oral que dependia da interação presencial de uma pessoa para a outra. E cada vez mais essa presença é substituída pelo virtual do som sendo emitido de uma maquina, desenvolvendo novas relações de comunicação a distancia..



Cildo Meireles, Babel. 2001. Switch House. Photograph: Facundo Arriza-balaga/EPA

Outro trabalho de Cildo Meireles é *Rio oir* 1976, que consiste em uma escultura sonora em um disco de vinil, um lado, por sons de águas captadas dos rios brasileiros (oir, ouvir em castelhano) e, de outro, de sons de risadas humanas (verbo rir/rio). Nos envolve, nos afoga, nos dispersa e eleva. A própria composição das risadas inunda o ambiente, a forma como foi colocada parece que há uma enxurrada de risos a cair, tornando o movimento do rio presente até neste momento. A dualidade não só semântica, mas poética e sonora também. A forma como os sons dos ambientes são abordados conversa com o meu trabalho, Ressonar, antes citado.

Outra obra de Cildo que também envolve vários idiomas e o som é *Marulho* 1991, ao qual consiste em um píer de madeira cercado com um “mar” de folhar azuis e conforme se vai chegando à ponta do píer dá para se escutar a palavra “água” em 80 idiomas. Diferente de Babel que o objetivo é a desordem neste trabalho se percebe uma unidade entre os sons. Me atrai o fato de ser uma escultura sonora imersiva e que a representação do mar é de papel onde provavelmente seria feito o registro das palavras que estão sendo expressas de forma oral. O som e a escultura otimizam a carga significativa um do outro. Dessa forma, convidando o espectador pelos vários idiomas, para um mergulho no mar de culturas que se estende a sua frente.



Cildo Meireles, *Rio oir*.  
1976-2011



Cildo Meireles, Marulho. 1991-1997 – Photo: Sophie Mutterer and Filipe Braga – Courtesy Cildo Meireles.

## Robert Morris

O tipo de armadilha que Ressonar é, já foi feita por Robert Morris em *Box with the Sound of its own making de 1961*. Consiste numa caixa de madeira de aparência comum que de dentro emite sons ocasionais de martelar, serrar e lixar. Nesse caso a caixa de madeira aprisiona o som do seu próprio processo de produção. É simples e instigante. Morris cria uma armadilha para o som da caixa em quanto ela está sendo construída, como se estivesse forjando a alma e consciência do próprio objeto junto com sua materialidade. Ele dá voz a madeira, a caixa conta sua própria história.





Robert Morris, Box with the Sound of Its Own Making (1961) 24.8 x 24.8 x 24.8cm, courtesy of the Sonnabend Collection

## Marcel Duchamp

Duchamp vai brincar com a curiosidade do espectador e abordar o som de outra maneira em seu *ready made* assistido *A Bruit Secret*(um barulho secreto) 1916. O trabalho foi produzido com seu amigo Walter Arensberg. O objeto é simples e estranho, um rolo de barbante entre placas de metais. A simplicidade do trabalho contribui para o tom de brincadeira e a curiosidade que ele instiga no espectador, pois Duchamp instruiu seu amigo a colocar algo escondido dentro do rolo de barbante e não contar a ninguém o que era. Até hoje ninguém sabe o que é, podendo ser desde uma moeda a diamante. Olho para esse trabalho e só consigo sorrir, os dois amigos como duas crianças pregando peça, guardam um segredo de todos através da arte. Pois o que mais move o ser humano é o desconhecido e os dois artistas tiram proveito da curiosidade do espectador de forma sagaz. O nome convida o espectador a desvendar o mistério do que seria o som bruto. Sem o título fazendo referencia ao barulho talvez, ninguém nunca nem iria suspeitar que haveria algo lá dentro e nem daria valor a aquilo.





## Janet Cardiff

Quando fui ao INHOTIM também tive a oportunidade de ver o trabalho sonoro arrebatador e sinestésico de Janet Cardiff chamado *Forty part motet 2001*. Na época eu li por alto sobre o que era o trabalho e fui correndo para o centro da sala que como um cardume de espíritos folclóricos chamavam por mim. Como soprano e membro de um coral, passei por cada uma das caixas começando pelo meu naipe, conforme eu andava mais parecia que as caixas estavam vivas, eu sentia a adrenalina da harmonização do coral aumentar conforme meus passos iam fechando o círculo.



Janet Cardiff, *Forty Part Motet*. 2001. INHOTIM. Foto: Pedro Motta.

Tem um fenômeno que acontece com músicos e principalmente coralista, quando todos estão reunidos cantando e respirando nos mesmos intervalos de tempo em um momento os batimentos cardíacos podem se sincronizar também (BERNARDI et al., 2019). Experimentei isso durante apresentações e também senti isso quando fiquei sentada no centro da sala em que essa obra estava, intuitivamente murmurava a melodia e me sentia completa. Uma sensação tão sincera e envolvente... Não queria sair de daquele local. Algo interessante é que enquanto eu estava sentada no centro desta cela eu me senti tão acolhida que cheguei a pensar: “por que não fazer arte? Ou música? Sei que estou nonono ano, mas quero me sentir assim mais vezes e despertar todos esses sentimentos nos outros também” Então de certa forma o coral de Janet fez meu chamado vocacional.

Hoje ao ler sobre a artista e seus trabalhos complemento a lembrança do primeiro contato. É admirável o esforço de pegar uma das peças mais difíceis para serem cantados por corais que trata justamente sobre humildade e transcendência e expô-la ao público de maneira simples e sincera. Sinto que o trabalho de Janet vai contra o pensamento de que algumas pessoas não são inteligentes ou cultas o suficiente para entender a música ou a arte. Por estar num museu todo tipo de pessoa irá interagir com esse som e a artista não trata seus expectadores como burros e ignorantes, ela entrega a eles uma obra complexa, densa, difícil e digna da própria Rainha Elizabeth. Através da música e do som, ela se comunica humildemente com o ouvinte.



## Bill Viola

Já falando em trabalho arrebatadores e transcendentais, não podia deixar de falar de Bill Viola. Conheci recentemente e já foi suficiente para ficar de boca aberta e passar dias pensando sobre seus trabalhos. Viola tem uma forma de falar sobre o onírico que é cativante e bizarra ao mesmo tempo. Uma das coisas que mais me chama atenção em seus trabalhos é como ele se apropria da linguagem de maneira sucinta e esperta. Como em *Tristan's Ascension' 2019*, o nome de uma pessoa deitada sob uma luz etérea esverdeada tem o que parece bolhas saindo de si, conforme o decorrer do vídeo as “bolhas” aumentam, se percebe que é um vídeo invertido, é água caindo, e fica cada vez mais forte, e enquanto isso o ator ascende para o topo da filmagem. O som da água batendo contra o corpo que se eleva é assustador, parece que uma chuva torrencial está a inundar o local todo. Algo que se repete em outros trabalhos é a imersão do espectador. A cena descrita anteriormente parece tirada de dentro de um sonho, quando o espectador acha que entendeu sua expectativa é quebrada e um novo ponto de vista é mostrado.

Seus trabalhos tem uma constante em símbolos elementais o que contribui para a sensação de espiritualidade e humanidade. Cada um representa a natureza em seu estado puro, sendo algo tangível a nos e que ainda desconhecemos. Um exemplo é *The Martyrs (Earth, Air, Fire, Water) 2014*, que reuni os 4 principais elementos matando indivíduos. São 4 vídeos paralelos, O da terra é soterrado, o do ar está presa e balançada, o de fogo o ator sentado entra em combustão e o ultimo uma pessoa presa pelas pernas vai sendo puxada e caindo água nele. As cenas são fortes e macabras, mas ainda assim desperta uma certa noção de ascendência espiritual. A relação com os elementos naturais é algo que também venho percebendo em meus processos artísticos mais recentes.





Bill Viola, *Tristan's Ascension*. 2019. Kira Perov Bill Viola Studio, Royal Collection Trust / Her Majesty Queen Elizabeth.



## **Aguarde um momento sua ligação está sendo completada...**

Percebo que em neste ano, 2020, foi o momento de introspecção e de explorar, por meio da arte, o que na infância pensava e imaginava.

Como lembrete para quem esta sentindo as responsabilidades da vida de adulto, eu me permito sonhar como criança e transformá-los em algo palpável. Dessa forma. eu vivo nessa eterna nostalgia frutífera que me permite criar um mundo inteiro vindo deste imaginário que muitos decidem deixar para trás. Estas lembranças se manifestam principalmente através do som e é através dele que eu tento comunicar o íntimo e onírico que arquivo dentro de mim.

Ressonar é um pensamento nostálgico, uma brincadeira de telefone sem fio com minha infância. Uma ligação que estarei ansiosa para retomar e escutar mesmo que seja a distância ou escutar o silencio de um lar distante. Será mais uma lembrança que colecionarei com muito afeto dentro de mim.



Ludmila Lima.  
1998

## Referências Bibliográfica

- BAMONTE, Joedy L. Barros Marins. Paisagens Íntimas na Obra de Brígida Baltar: 'Projeto Umidades'. **Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras**. 2013 ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 125-131. 2013.
- BARÓ Galeria: Christian Boltanski : Heartbeats. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://barogaleria.com/exhibition/christian-boltanski-heart-beats/>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185 p.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad: J.C.M.Barbosa e H.A.Baptista. São Paulo Brasiliense, 1994. 271 p.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Belo Horizonte/São Paulo, 2009.
- BERNARDI, Luciano; PORTA, , Cesare; CASUCCI, Gaia; BALSAMO, Rossella; F. BERNARDI, Nicolò; FOGARI, Roberto. Dynamic Interactions Between Musical, Cardiovascular, and Cerebral Rhythms in Humans. **Circulation**, Texas USA, 22 jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.1161/CIRCULATIONAHA.108.806174>. Disponível em: <https://www.ahajournals.org/doi/10.1161/CIRCULATIONAHA.108.806174>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- CAGE, John. **Silence: Lectures and writing by John Cage**. United States of America: Weleyn Paperback, 1961-1973. 278 p.
- FOUCAULT , Michael. O corpo utópico. **Nueva Vision**, Argentina, p. 12, 29 out. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cansada-de-ler-sobre-garotos-menina-reune-4-000-livros-com-garotas-negras/>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- GUASCH, Anna Maria. Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, ano 3, julho de 2013
- LEVANTIS. **Silence of the Abyss**. Germany. Master Tone: 1998. CD(5:57min)
- NUNES, Thiane. Em Busca da Flâneuse:: mulheres que perambulam a cidade. **XIII Encontro De História Da Arte: Arte em confronto: Embates no campo da História da Arte**, São Paulo, p. 870-878, 2018.
- OWENS, C. O Impulso Alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo. **Revista do mestrado de História da Arte EBA UFRJ**, Rio de Janeiro, 2º semestre. 2004.
- RESSONAR**. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ressonar/>. Acesso em: 19/12/2020
- Seashell noise**. Russia Saint-Petersburg: Recording studio kocmoc: 2017. Youtube(0:59min) disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9nwkyUApK6A&ab\\_channel=kocmocrecords](https://www.youtube.com/watch?v=9nwkyUApK6A&ab_channel=kocmocrecords) . Acesso em: 11/12/2020
- SERPENTINE Galleries: Christian Boltanski: Les archives du coeur. Londres, Disponível em: <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/christian-boltanski-les-archives-du-coeur/>. Acesso em: 11 dez. 2020.